



Confluências Culturais

Revista Interdisciplinar

v. 15, n. 1: Arquitetura, museus e arquitetura de museus

Patrimônio edificado e museus de arte contemporânea em Belém, Pará: permanências e transformações alegóricas

Built heritage and contemporary art museums in Belém, Pará: permanences and allegorical transformations

Patrimonio construido y museos de arte contemporáneo en Belém, Pará: permanencias y transformaciones alegóricas

Estefani Mikaela Batista Trindade¹
Flávia Olegário Palácios²

Recebido em: 14 jul. 2025
Aceito para publicação em: 9 out. 2025

Resumo: Para salvaguardar um bem cultural imóvel é necessária e importante a compreensão sobre sua representação para aqueles que estão em contato com o edifício. Os valores atribuídos aos monumentos são essenciais para que a salvaguarda

¹ Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (PPGAU-UFPA), Belém, Pará, Brasil. *E-mail:* estefanimikaela@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8100-0574>.

² Doutora em Ciências pela UFPA. *E-mail:* flaviaop@ufpa.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2818-2507>.

desses edifícios contemple não só a sua materialidade, mas também seus significados, ressaltados aqui como parte relevante para a preservação e o pleno entendimento de tais marcos histórico-culturais. Todavia, diante das transformações pelas quais as edificações inevitavelmente passam em consequência de sua mudança de uso, seu estado físico é afetado, assim como seus valores podem sofrer determinadas mudanças, ou ainda outros podem ser criados. É com base em tal premissa que este trabalho analisará os valores atribuídos à Casa das Onze Janelas, ao Palácio Lauro Sodré e ao Palacete Augusto Montenegro, edificações localizadas em Belém, Pará, que possuem em seu histórico importantes funções que trouxeram modificações significativas, incluindo o atual uso como museu. O objetivo é compreender, pela análise de suas antigas e novas ocupações, os valores que lhes foram atribuídos e como estes se relacionam com o atual uso das edificações como museus de arte contemporânea. A metodologia parte do estudo histórico dos usos das construções e de observação *in situ* das suas novas funções, correlacionadas à pesquisa bibliográfica sobre patrimônio e valores presentes nos trabalhos dos autores Alois Riegl (2006), Salvador Muñoz Viñas (2003) e Françoise Choay (2006). Previamente, como resultado, constatou-se que o uso como museu de arte contemporânea interage diretamente com os valores já existentes e, com o tempo, até mesmo adicionou novos valores contemporâneos aos edifícios.

Palavras-chave: preservação; conservação; valores.

Abstract: To safeguard an immovable cultural asset, it is necessary and important to understand its representation for those who are in contact with the building. The values attributed to monuments are essential so that the safeguarding of these buildings encompasses not only their materiality, but also their meanings, highlighted here as a relevant part for the preservation and full understanding of these historical and cultural landmarks. However, given the transformations that buildings inevitably undergo as a consequence of their change of use, not only is their physical state affected, but their values may also undergo certain changes, or even be created. It is based on this premise that this paper will analyze the values attributed to Casa das Onze Janelas, Palácio Lauro Sodré and Palacete Augusto Montenegro, historical buildings located in Belém, Pará, which have important historical functions that have brought significant modifications, including their current use as museums. The objective is to understand, through the analysis of their old and new occupations, the values that were attributed to them and how these relate to the current use of the buildings as museums of contemporary art. The methodology will be based on the historical study of the uses of the buildings and on *in situ* observation of their new functions, correlated with bibliographic research on heritage and values present in the works of authors Alois Riegl (2006), Salvador Muñoz Viñas (2003) and Françoise Choay (2006). Previously, as a result, it was found that the use as a contemporary art museum interacts directly with the already existing values and, over time, even added new contemporary values to the buildings.

Keywords: preservation; conservation; values.

Resumen: Para salvaguardar un bien cultural inmueble, es necesario e importante comprender su significado para quienes están en contacto con el edificio. Los valores atribuidos a los monumentos son esenciales para que su protección abarque no solo su materialidad, sino también sus significados, destacados aquí como parte fundamental para la preservación y la plena comprensión de estos hitos históricos y culturales. Sin embargo, dadas las transformaciones que inevitablemente sufren los edificios como

consecuencia de su cambio de uso, no solo se ve afectado su estado físico, sino que sus valores también pueden sufrir cambios, o incluso crearse. Partiendo de esta premisa, este trabajo analizará los valores atribuidos a la Casa das Onze Janelas, el Palacio Lauro Sodré y el Palacio Augusto Montenegro, edificios históricos ubicados en Belém, Pará, que cumplen importantes funciones históricas que han conllevado modificaciones significativas, incluyendo su uso actual como museos. El objetivo es comprender, mediante el análisis de sus ocupaciones, tanto antiguas como nuevas, los valores que se les atribuyeron y cómo estos se relacionan con el uso actual de los edificios como museos de arte contemporáneo. La metodología se basará en el estudio histórico de los usos de los edificios y en la observación in situ de sus nuevas funciones, en correlación con la investigación bibliográfica sobre el patrimonio y los valores presentes en las obras de los autores Alois Riegl (2006), Salvador Muñoz Viñas (2003) y Françoise Choay (2006). Como resultado, se constató que el uso como museo de arte contemporáneo interactúa directamente con los valores ya existentes y, con el tiempo, incluso ha añadido nuevos valores contemporáneos a los edificios.

Palabras clave: preservación; conservación; valores.

INTRODUÇÃO

Frutos de uma verdadeira campanha que as reuniu sob a designação de servirem ao passado comum da sociedade à qual pertencem, as edificações seculares, chamadas hoje de patrimônio imóvel, têm em sua história a reutilização como primeiro modo de amparo a sua preservação (Choay, 2006).

Essas utilizações acarretaram desde sempre diversas mudanças de uso que, por consequência, levaram a modificar também a forma como tais edificações são reconhecidas. A partir do novo contexto que se iniciou na primeira metade do século XX, entretanto, os bens imóveis passaram a ser, em sua maioria, assegurados por projetos de requalificação advindos das políticas públicas culturais que garantem sua preservação diante de possíveis novas funções. Sua salvaguarda torna-se um ideal a ser alcançado, dentro das possibilidades de continuar dando novos usos a essas construções seculares.

O uso museal despontou como uma alternativa e tem desde então, particularmente, se destacado, pois a configuração dos museus como instituições de instância cultural competentes liga-se diretamente à noção de patrimônio (Choay, 2006; Chagas, 2007; Lima, 2012). Uma das tipologias de museus que hoje estão abrigadas em espaços históricos são os museus de arte contemporânea.

As exposições e obras contempladas por essas instituições interagem de modo direto e diverso com os edifícios onde estão instaladas (sejam eles modernos ou históricos) e essa diversidade, em geral, possui como consequência mudanças tanto físicas quanto simbólicas a médio e longo prazo, principalmente quando se trata de edificações históricas.

A respeito das mudanças simbólicas, é necessário compreender que esse atributo parte do princípio de que as edificações possuem uma natureza alegórica, uma vez que todas são figuras que nos comunicam algo (Viñas, 2003). Com base nessa afirmação, a tais construções seculares são apontados determinados valores que, podendo ser intitulados de históricos, artísticos ou de uso, contribuem para reiterar a posição das edificações como patrimônios (Aloise, 2014), visto que sua autenticidade como tal não pode somente se basear na sua materialidade, mas também em sua imaterialidade, aliada à capacidade de garantir e manter os valores que constituem sua natureza representativa (Moreno-Navarro, 1999; Kühl, 2009).

Assim, na circunstância de conversão de usos que as edificações sofrem por toda a sua existência, a percepção que se tinha daquela arquitetura muda quando há uma dessas modificações e, a longo prazo, pode apresentar também uma transformação ou adição de valores. Mas como isso ocorre? Há valores que permanecem iguais após a alteração de uso? E, com a mudança, existe a possibilidade de valores surgirem no novo contexto que os museus de arte contemporânea criaram ao serem instalados em edifícios seculares?

Diante de tal tipo de transformações ocasionadas por museus de arte contemporânea e os questionamentos acerca dos valores das edificações, faz-se necessária a discussão sobre de que maneiras esses princípios atualmente se constituem, permanecem e, sobretudo, contribuem para a preservação dessas edificações nos dias atuais. A existência de edificações seculares que abrigam museus de arte contemporânea leva a uma reflexão rica voltada para o campo de preservação dos edifícios, especialmente no que tange às suas modificações e permanências.

Justificando-se por essa necessidade, este trabalho tem por objetivo discutir os valores das edificações históricas, classificadas aqui como construções com mais de um século de existência, com diversos usos em sua cronologia e atualmente ressignificadas, especificamente, em museus de arte contemporânea. Busca-se compreender como os mesmos valores auxiliam na sua preservação perante as mudanças constantes que essas edificações sofrem graças ao seu atual uso, como o dito uso se relaciona com os valores das edificações e como a função museal interfere nos valores atribuídos.

Os edifícios que servirão como objetos de estudo são a Casa das Onze Janelas, o Palácio Lauro Sodré e o Palacete Augusto Montenegro, sedes do Museu Casa das Onze Janelas, Museu do Estado do Pará (MEP) e Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), respectivamente, que estão localizados em Belém, Pará.

As principais referências para a construção deste trabalho serão as reflexões de teóricos dos campos do patrimônio, dos valores de patrimônios e da teoria do restauro, como Françoise Choay, Alois Riegl, Antoni González Moreno-Navarro e Salvador Muñoz Viñas, procurando pontuar os seus valores, como a partir destes se dá a relação com os museus instalados nas edificações e qual sua importância na salvaguarda desses bens imóveis.

EDIFICAÇÕES, MUSEUS DE ARTE CONTEMPORÂNEA E VALORES

Construções que carregam inúmeras memórias sobre momentos do passado de Belém, a Casa das Onze Janelas, o Palácio Lauro Sodré e o Palacete Augusto Montenegro são grandes exemplares de arquitetura, história e arte, no entanto esses e alguns outros juízos acerca deles não nasceram de uma hora para outra; eles foram atribuídos conforme as edificações passavam por transformações físicas e representativas ao longo dos seus séculos de existência.

A Casa das Onze Janelas (figura 1) foi construída por volta da primeira metade do século XVIII e originalmente serviu como local de descanso nos finais de semana para o dono de engenho Domingos da Costa Bacelar (Lorenzi, 2013). Na década de 1760 a edificação foi vendida para o governador da província, Francisco Ataíde Teive, que, sob a supervisão do arquiteto Antônio Landi, transformou a antiga residência em Hospital Real Militar. As primeiras modificações ocorridas na casa são datadas desse período.

Figura 1 – Casa das Onze Janelas



Fonte: Foto de Estefani Trindade (2020)

O hospital foi desativado por volta de 1870, mas a construção manteve várias outras funções militares ao longo dos anos seguintes. Isso mudou no final do século XX, quando a edificação, que na época servia como Corpo de Guarda e Subsistência do Exército, foi contemplada com o projeto de requalificação Feliz Lusitânia³ (Mendonça, 2006).

Após ser restaurada, graças aos documentos que correspondem à primeira reforma liderada por Landi, a edificação, a partir do ano de 2002, passou a ter função museal de caráter artístico contemporâneo sob o nome Museu de Arte Contemporânea Espaço Cultural Casa das Onze Janelas (mais comumente conhecido como Museu Casa das Onze Janelas), onde “o partido museográfico buscou respeitar o espaço arquitetônico do século XVIII em diálogo com as artes visuais moderna e contemporânea” (Britto, 2006, p. 297).

Por sua vez, o Palácio Lauro Sodré – ou ainda Palácio dos Governadores (figura 2) –, datado do ano de 1767 e projetado por Antonio Landi, foi idealizado no estilo clássico italiano, mas sofreu várias modificações no decorrer dos anos seguintes. Apesar de tais alterações, foi mantida sua função como local oficial do governo da província e posteriormente do Estado. No século XIX, no auge do período imperial, passou por uma grande reforma que modificou suas características originais tanto externa quanto internamente. Houve uma nova reforma, no início do século XX, que trouxe acréscimos de características ecléticas ao palácio.

³ O Projeto Feliz Lusitânia tinha por objetivo “suscitar os referenciais históricos, sociais, econômicos e da ocupação territorial da Amazônia e do Pará, as dimensões urbanísticas, paisagísticas e arquitetônicas da cidade, em síntese, o que representa a Revitalização Urbana do Núcleo Histórico da Cidade de Belém, iniciada pelo Governo do Estado do Pará, em 1997. A adequação do uso dos prédios restaurados vem constituindo cenário museológico presentificado em suas edificações que, ao longo da história evolutiva da cidade, tornaram-se símbolos desse processo de formação, destacando-se as referências históricas e arquitetônicas luso-brasileiras” (Secult-PA, 2001, p. 4).

Figura 2 – Palácio Lauro Sodré



Fonte: Foto de Estefani Trindade (2020)

Nadécada de 1970 foi restaurado pela então Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e durante o projeto se descobriram as várias modificações realizadas nos períodos anteriores, como, por exemplo, a capela de onde se tem notícia que saiu o primeiro Círio de Nazaré em 1797 (Derenji; Derenji, 2009). Foi sede do governo estadual até esse momento, quando se transferiu a função para outro local e ali se instalou o Museu do Estado. Em 2008 foi inaugurado como Museu Histórico do Estado do Pará (Derenji; Derenji, 2009) e nos dias atuais possui o nome de Museu do Estado do Pará (MEP).

A respeito do Palacete Augusto Montenegro (figura 3), idealizado pelo arquiteto Filinto Santoro e construído entre os anos de 1903 e 1904, serviu inicialmente como residência e gabinete de despachos ao então governador do estado Augusto Montenegro (Britto, 2014). Apresentando-se em estilo eclético e tendo alguns dos elementos arquitetônicos vindos diretamente da Itália, o palacete é considerado uma construção pequena para sua época, a *Belle Époque*, mas detém uma composição rica em detalhes típicos desse período.

Figura 3 – Palacete Augusto Montenegro



Fonte: Foto de Estefani Trindade (2020)

Em 1909 o governador se mudou para a Europa e decidiu vender a residência a outra família de renome da cidade. Mais algumas famílias depois desta ocuparam o palacete, até que em meados da década de 1960 a edificação passou a ser propriedade da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Entre os anos de 1962 e 1982 a UFPA utilizou o espaço como reitoria. Em 1983 o *campus* definitivo da referida universidade foi inaugurado no bairro Guamá, e no ano seguinte, em 1984, o Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), responsável pela salvaguarda, pesquisa, documentação e exposição de obras de arte moderna e contemporânea, instalou-se no Palacete Augusto Montenegro (Britto, 2014).

As modificações de utilização (principalmente por se tratar de ocupações por parte de instituições militar, governamental e de educação superior) nessas três edificações fizeram delas verdadeiros palcos de importantes acontecimentos. Trata-se de espaços que, apesar de suas transformações para abrigar todas essas funções e apelos estéticos de diferentes épocas, conseguiram deter elementos arquitetônicos que configuraram alguns desses usos e o que eles representaram e ainda representam para a história de Belém, em conjunto com a nova função como museus que assistem projetos expográficos de arte contemporânea.

Mesmo que eventualmente não sejam de senso comum determinadas significações atinentes a tais edifícios, uma vez que elas não são fixas nem gerais, as suas representações e apresentações detêm relevância para explicar sua existência como patrimônio (Viñas, 2003). Graças a isso, e mediante os históricos anteriormente apresentados, podemos observar que a Casa das Onze Janelas, o Palácio Lauro Sodré e o Palacete Augusto Montenegro possuem não apenas um valor, mas sim valores que explicam a importância adquirida por essas edificações ao longo dos anos.

OS PRIMEIROS USOS E VALORES AGREGADOS AO LONGO DO TEMPO

O valor histórico é, entre outros, o primeiro a ser apontado. Por meio de seu conjunto arquitetônico, as três construções relatam episódios, figuras de diferentes épocas e parte do desenvolvimento da sociedade belenense. A representação desse progresso por parte de uma edificação é o que a faz possuir valor histórico (Riegl, 2006), uma vez que por meio de tais construções

procurou-se perpetuar os testemunhos reconhecidos como de interesse para a cultura para que servissem de suporte do conhecimento e da memória coletiva, valorizando seus aspectos documentais, formais, memoriais e simbólicos (Kühl, 2009, p. 206).

Choay (2006) diz que esse valor foi impulsionado a partir da Revolução Francesa, quando se notou uma mudança do meio urbano para lugar de conhecimento histórico, tendo esses edifícios como principais registros. Com o passar do tempo, a complexa relação entre material e imaterial constituiu o que hoje chamamos de história e memória coletivas (Edelweiss, 2016).

Nesse sentido, as edificações tornam-se evidências materiais e, como tais, devem ser preservadas para que as informações históricas nelas contidas não sejam alteradas ou perdidas, possibilitando que futuros estudos sejam realizados com base na edificação-documento, estando ela tão intacta quanto possível (Riegl, 2006). O valor histórico, ao apontar a potência documental que as construções seculares possuem, “[...] quer conservar tudo no seu estado atual” (Riegl, 2006, p. 61).

Esse valor reforça, portanto, o objetivo de autenticidade e salvaguarda que os projetos de requalificação possuem. A Casa das Onze Janelas, o Palacete Augusto Montenegro e o Palácio Lauro Sodré, entre os anos de 2001-2002, 1971-1973 e 2003-2004, respectivamente, foram contemplados com programas de restauração que buscaram adaptações adequadas para os edifícios individualmente.

Com a posterior implantação do MUFPA no Palacete Augusto Montenegro e do MEP no Palácio Lauro Sodré, houve uma preocupação em não deixar apenas espaços expositivos para a arte contemporânea, já que o visitante tem a oportunidade de contemplar salas decoradas à época da sede do governo estadual no Palácio Lauro Sodré e elementos decorativos de quando a reitoria da UFPA estava localizada no Palacete Augusto Montenegro – são as chamadas exposições permanentes, que perpetuam parte do histórico das estruturas por meio de acervos e detalhes arquitetônicos e que em algumas mostras auxiliam a compor exposições e obras.

Todavia o mesmo não ocorreu quando houve a implantação do Museu Casa das Onze Janelas, onde todos os espaços da edificação são ocupados por exposições de arte contemporânea. Nesse caso coube somente à própria estrutura secular ecoar sua história fazendo uso de seus detalhes. Assim, podemos compreender que uma edificação histórica é uma criação arquitetônica

[...] que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só as grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural (Icomos, 1964, p. 2).

Tal significação não somente diz respeito ao valor histórico, mas também ao valor artístico que é conferido a algumas edificações. É necessário notar que, como afirmado por Riegl (2006), todo monumento artístico é igualmente um monumento histórico, pois, uma vez que não se pode encontrar um equivalente em sentido, ele representa o progresso dos estilos e técnicas que a arte possui. Ao apreciar uma arquitetura como um todo (ou só os seus detalhes), não apenas estaríamos admirando um trabalho artístico, mas a própria história da arte.

O valor artístico na Casa das Onze Janelas está presente nas características singulares que a construção colonial possui. Com a adição dos detalhes acrescentados pelo projeto de Antônio Landi, como o seu formato em L e suas onze janelas que hoje representam a identidade da edificação, a construção merece destaque e admiração porque retrata um estilo arquitetônico da época colonial.

O Palácio Lauro Sodré tem o seu valor artístico representado principalmente pelo estilo clássico italiano, com o qual o seu projeto arquitetônico foi idealizado por Antônio Landi. Apesar das várias reformas que descaracterizaram o projeto original, a restauração na década de 1970 recuperou detalhes e espaços desenvolvidos por Landi, como a capela, além de revitalizar elementos que foram acrescentados posteriormente e merecem igual atenção, como as pinturas decorativas datadas do início do século XX.

O valor artístico do Palacete Augusto Montenegro deve-se a todo o seu conjunto arquitetônico de estilo eclético, sendo alguns elementos do estilo *Art Nouveau*. Característico do final do século XIX e início do XX, o *Art Nouveau* é um movimento que representou a Revolução Industrial e, com os novos materiais advindos das fábricas, criou móveis, objetos decorativos, elementos arquitetônicos em formatos curvilíneos e de motivos florais que exibiam uma elegância muito apreciada pelas elites.

Ao designar o valor artístico dessas edificações por intermédio de sua arquitetura, busca-se não somente a contemplação de um estilo ou estética, mesmo que isso seja

pertinente, mas procura-se compreender um determinado período da história recorrendo a tais elementos. Os valores histórico e artístico possuem uma relação notável porque ambos auxiliam, por meio dos monumentos, o entendimento do avanço social, cultural e econômico pelo qual a sociedade passou e ainda passa.

Essa ascensão também se relaciona aos vários usos que se perpetuaram por toda a existência das construções e que são representados pelo valor de uso. Segundo Riegl (2006), esse valor se atribui aos monumentos que ainda são capazes de receber um uso apropriado. O autor Moreno-Navarro (1999) também elucida que tal valor atribuído a uma edificação parte de sua eficiência ao se mostrar capaz não somente na função para a qual foi feita, mas igualmente para outras funções que lhe forem dadas ao longo de sua existência.

Esse valor está ligado aos primórdios do que poderíamos chamar de preservação, uma vez que a reutilização, como explicado por Choay (2006), foi uma das primeiras formas de manter construções antigas, mesmo que mediante muitas modificações em suas estruturas e no que tange às mudanças de percepção. Quando o uso é alterado, a percepção sobre os bens imóveis também se altera; o que antes poderíamos perceber como uma residência, hoje, ante sua função como museu de arte contemporânea, se transforma, ainda que existam vestígios de seu antigo uso.

Com esse valor, e os demais apresentados anteriormente, podemos dizer que

o espaço pode ser entendido como base existencial quando suporta valores, sentidos e concepções fundamentais para um grupo ou ser humano e, em especial, quando sua matéria é transformada por ele com vistas a concretizar [...] os seus valores (Tofani; Tofani, 2019, p. 8).

É desse modo que, conforme o primeiro questionamento sobre como transformações e adições de valores ocorrem, os edifícios têm conceitos somados e mudados, pois de modo gradual, e também a depender do contexto de que participaram ao longo dos anos, valores passaram a existir e foram sendo acrescentados.

VALORES MODERNOS PERANTE UM USO MUSEAL CONTEMPORÂNEO

Podemos pontuar, segundo as palavras de Cruvinel (2016, p. 31), que a trajetória dos três edifícios estudados é marcada “por uma [espécie de] ressignificação do valor de uso, em grande parte estabelecida pelo interesse em discutir marcos e vestígios que [lhe] foram atribuídos”, o que se constituiu como base para a sua designação enquanto patrimônio que ainda pode e deve se fazer servir a um propósito. Ou seja, o uso contínuo dessas edificações, assim como de demais construções seculares, permanece sendo crucial para sua manutenção como patrimônio vivo.

É válido frisar, entretanto, que tal uso não deve ser a finalidade dos projetos de requalificação, mas o meio de chegar ao verdadeiro objetivo, que é a salvaguarda dos edifícios (Kühl, 2009). Assim, ressalta-se a importância de uma reutilização consciente e preocupada que respeite e preserve conjuntamente a materialidade e a imaterialidade do edifício, em que ambas possam ser testemunhadas por todos, pois, como outros patrimônios edificados presentes na capital paraense, os bens imóveis aqui apresentados são necessários e partes relevantes do cotidiano urbano (Choay, 2006).

Tal preocupação com a Casa das Onze Janelas, o Palácio Lauro Sodré e o Palacete Augusto Montenegro está, por conseguinte, presente nos seus atuais usos como museus de arte contemporânea, que podem ser apontados como uma parte importante do

que constitui atualmente essas edificações. A função representa para as construções não unicamente modificações constantes, em decorrência dos frequentes projetos expográficos de novas exposições com novos significados, mas também um sentido mais recente sobre tais construções, que passam a ser vistas como ambientes modernos, a depender do projeto.

Essa visão pode ser explicada pelo valor de novidade, que tem uma estreita relação com o valor de uso, uma vez que “o valor utilitário se vincula esteticamente ao valor de novidade” (Riegl, 2006, p. 74). Por estético se pode dizer aquilo que é agradável aos olhos, que detém a passagem do tempo mantendo-se moderno ou, nesse caso, contemporâneo e predispõe de características inovadoras que vão servir para chamar atenção do público, “pois tudo aquilo que está em uso deve, aos olhos da grande maioria, apresentar-se jovem e forte, apagados os traços da idade, da decomposição, do fraquejar das forças” (Riegl, 2006, p. 72).

Os museus de arte contemporânea que fazem uso dos edifícios aqui discutidos são também, na atualidade, responsáveis por agregar o valor de novidade às edificações, ao manterem uma espécie de característica atual ante a sociedade. Precisa-se, entretanto, ter cautela, pois ao mesmo tempo que tal valor possui o caráter positivo de atrair o público do qual o museu necessita para funcionar, ele também traz ressalvas com relação às modificações físicas e de leituras. Diante dessa questão é que as instituições devem sempre observar e priorizar a conservação, tanto material quanto imaterial, mediante qualquer situação gerada por esse valor.

Apesar disso, o valor de novidade, em conformidade com os demais valores até aqui apresentados, contribuiu, à sua maneira, para que as edificações transformadas atualmente em museus de arte contemporânea não somente sejam salvaguardadas, mas permaneçam igualmente “vivas” em meio à paisagem urbana, pois a falta de atribuição de um uso (que aqui diz respeito a uma função contemporânea) negaria não somente a preservação desse patrimônio, mas a sua função histórico-social enquanto construções que precisam ser ocupadas conscientemente pela sociedade (Andrade Junior, 2013).

A sociedade, em maior ou menor grau, tem sua parcela na atribuição de valores graças a um juízo ligado a ela. Tal atribuição é assinalada pelo valor simbólico e pode ser deflagrada basicamente por agentes representados por dois grupos distintos, sendo o primeiro deles os órgãos oficiais. As Normas de Quito (OEA, 1967), por exemplo, esclarecem que, independentemente do valor, seja ele histórico, artístico ou de qualquer outra circunstância, um bem só será constituído como monumento mediante expressa declaração do Estado, o que implica sua identificação e registro oficiais.

Essa análise rigorosa, todavia, não se aplica aos diferentes contextos em que se encontram os mais diversos patrimônios que são identificados por comunidades inteiras, as quais estão incluídas no segundo grupo de agentes reconhecedores de valores. Ainda que seja uma instituição legitimadora e de apoio, “o Estado não mais exerce de forma impositiva e exclusiva as suas políticas de patrimônio, sendo obrigado a reconhecer e a lidar com uma série de outros atores sociais” (Gonçalves, 2012, p. 64).

Nesse contexto, é necessário compreender que, diferentemente das ferramentas oficiais usadas para apontar um patrimônio como tal, a relação que as pessoas já preestabeleceram com aquele bem é valiosa e, portanto, deve ser igualmente preservada (Andrade Junior, 2013), porque “é preciso, e esse não é um ponto sem importância, que o sujeito da ação identifique no objeto a ser preservado algum valor” (Chagas, 2007, p. 2010).

Moreno-Navarro (1999) explica que o objeto de restauro (incluindo aqueles monumentos que somente “conhecemos de vista”) é aquele que relaciona sentimentos como admiração, nostalgia e esperança e é também testemunha de atividades e relações

sociais. A Casa das Onze Janelas, por exemplo, passa por isso quando se torna um local de acesso com um significativo número de visitas nos seus espaços, tanto interno quanto externo; o mesmo ocorre com o Palácio Lauro Sodré, enquanto local de poder público, e o Palacete Augusto Montenegro, como espaço que recebeu a reitoria da UFPA.

O referido autor ainda cita a importância de proteger o valor que titula como significativo, uma vez que, com relação a esses monumentos, não se trata apenas de focar em seus elementos físicos, mas também nos elementos simbólicos que reforçam tais sentimentos (Moreno-Navarro, 1999). Isso engloba detalhes arquitetônicos e o próprio uso como museu, mesmo na eventualidade de o seu discurso se diferenciar das edificações.

Viñas (2003) esclarece ainda mais esse ponto ao dizer que as ações de preservação não poderão ser feitas por critérios externos às pessoas, mas sim em função de critérios inerentes a elas. A teoria proposta pelo autor é voltada para a subjetividade, logo as ditas ações são definidas com base no caráter simbólico que é declarado pelas pessoas associadas a esses bens, e, quanto maior a intensidade simbólica de um bem, mais provável a consideração de ele ser um objeto de restauro.

O valor subjetivo que a sociedade, enquanto agente oficial e popular, reconhece nos patrimônios se aplica aos objetos de estudo, porque a Casa das Onze Janelas, o Palácio Lauro Sodré e o Palacete Augusto Montenegro são possuidores de uma determinada relevância simbólica em níveis diferentes, para órgãos públicos, funcionários, visitantes das instituições museológicas que ali estão instaladas e para aqueles que diariamente trabalham e/ou apenas passam pelo seu entorno. Tais pessoas enxergam essas construções como pertences de sua história, de seu trabalho e lazer, e apenas aqueles que têm o sentimento de possuir, criando assim uma memória afetiva, é que podem de maneira genuína instituir essas construções como patrimônios – seus patrimônios (Chagas, 2007).

Entre todos os valores até aqui apontados, é possível dizer que o subjetivo é um dos mais influenciadores quando se trata de somar pessoas de diferentes grupos em prol de um objetivo comum. Exemplo disso foi o que aconteceu à Casa das Onze Janelas no ano de 2015. Distintamente dos demais espaços que somente abrigam museus, a casa cedeu um de seus ambientes ao bar e restaurante Boteco das Onze durante alguns anos, teve o fechamento do museu decretado para dar lugar ao Polo Gastronômico e, atualmente, ainda com o museu a ocupar boa parte da edificação, concedeu o antigo local que abrigava o Boteco das Onze ao restaurante Casa do Saulo.

O Boteco das Onze foi inaugurado no mesmo período em que houve a abertura da Casa das Onze Janelas como instituição museológica, e durante toda a sua permanência foi um local de prestígio em Belém. Em 2015, após uma disputa na justiça entre o Estado e a empresa responsável pelo boteco, este teve seu fechamento determinado, e o principal motivo alegado, e confirmado posteriormente, foi o não atendimento das medidas de preservação determinadas para a edificação. É isso que diferencia um mau uso de outro que seria mais adequado, no qual a organização que ocupa o edifício está integralmente comprometida com a salvaguarda do espaço (Trindade; Palácios, 2024).

O Polo Gastronômico, por sua vez, criado pelo Decreto n.º 1.568, de 17 de junho de 2016, tinha como base a formação de um centro para estudo e apreciação da culinária paraense. A ideia inicial era de que o polo ocupasse somente o espaço antes cedido ao Boteco das Onze, entretanto na proposta final o referido projeto ocuparia a casa em sua totalidade e o museu seria transferido para outro local, ainda a ser decidido. Com esse breve histórico, fica clara a disputa pelo espaço da Casa das Onze Janelas e como isso elevou a edificação a uma nova condição representada pelo poder econômico.

Moreno-Navarro (1999), a respeito da representação econômica em patrimônios, explana que a linha que separa os bens com utilidade econômica prioritária daqueles

cujo valor é parcial ou exclusivamente histórico e artístico não é bem delineada, uma vez que uma edificação pode ser, simultaneamente, histórica e economicamente utilitária (ou ainda ser um espaço com alto valor monetário), além de apresentar valores artísticos, sentimentais e afins.

O que ainda se observa em alguns casos, como o da Casa das Onze Janelas, é a prevalência de orientações ditadas por um dos usos que gera determinado lucro (dado que os museus são instituições sem fins lucrativos) e traz maior visibilidade para o espaço, mas que, ao contrário dos interesses preservacionistas, possui unicamente o desejo voltado para setores socioeconômicos (Kühl, 2009).

Ainda assim, o que sobressaiu nesse momento foi o desejo de manter o museu na Casa das Onze Janelas. Houve protestos⁴ no período por parte do público frequentador do museu, além de artistas, professores e profissionais da área da cultura, que se uniram em torno do interesse preservacionista, fazendo prevalecer a ligação histórico-simbólica existente entre a sociedade e o museu; desde então a decisão que pedia o encerramento das atividades da instituição no espaço foi adiada. Passado algum tempo, em 2018, o decreto foi revogado e a Casa das Onze Janelas, a partir do segundo semestre do mesmo ano, seria fechada para reformas.

Sua reabertura, tendo o museu ainda a ocupar a edificação em quase sua totalidade, deu-se em outubro de 2019 com o *vernissage* de quatro mostras e a inauguração de um novo restaurante, Casa do Saulo, cuja especialidade é a comida do oeste do estado do Pará. Mesmo que os valores perpetuados ao longo do tempo pareçam dar lugar à utilização econômica, é preciso reforçar que, “como se trata de um edifício restaurado, uma das missões principais [...] é preservar esta construção, tanto de forma física como simbólica, enquanto documento histórico” (Trindade; Palácios, 2024, p. 76).

Em consonância com os demais valores apresentados, percebemos que a representação simbólica é responsável não somente pelo reconhecimento das edificações enquanto patrimônio, como também pode equitativamente exprimir situações, com resultados efetivos a médio e longo prazo, que constituem as preocupações com a conservação e a salvaguarda dos edifícios. Para além disso, evidencia sua valorização como bens que precisam ser preservados, e, como tais, esse conjunto edificado oferece “uma experiência tangível e envolvente que os livros didáticos não conseguem replicar. Explorar edifícios e locais históricos oferece uma perspectiva única sobre arte, história e artesanato” (Oliveira *et al.*, 2025, p. 5). Principalmente porque os valores adquiridos ao longo do tempo – histórico, artístico e de uso – não só permaneceram iguais como também se fortaleceram, mesmo após a mudança de uso. Podemos considerá-los como processos que, durante esse tempo todo, se dão antes, durante e até mesmo depois, de modo parecido com a própria ação de preservação, pois, “no tempo presente, pode-se dizer que a conservação, enquanto um valor de continuidade, consiste em um ‘processo atemporal’” (Tofani; Tofani, 2019, p. 5).

Em suma, sobre a possibilidade de surgirem novos valores sob o novo uso de museus de arte contemporânea, podemos inferir que não somente há possibilidade como nos casos estudados apareceram outros dois valores, um especificamente em decorrência da própria instituição e outro em resposta a uma situação que demandou uma nova visão da sociedade para esses patrimônios, pois “as fachadas ornamentadas, as estruturas imponentes, as janelas que viram diversas gerações passarem – tudo isso

⁴ Os protestos foram organizados pelo Movimento Casa das Onze Janelas. Por meio de seus principais portais (*blog* movimentocasadasonzejanelas.blogspot.com.br e página no Facebook <https://www.facebook.com/Casadasonzejanelas/>), eram informadas todas as atividades realizadas com o objetivo de ocupar o espaço e demonstrar sua importância enquanto ambiente museal da arte contemporânea.

compõe o retrato de diversas épocas, de um modo de vida que moldou a identidade de uma sociedade” (Oliveira *et al.*, 2025, p. 3).

CONCLUSÃO

Os valores que se conferem aos bens culturais não são meramente atribuições de significados ou conceitos. São colocações que podem tanto ser oriundas de preceitos intrínsecos (como histórico e artístico) quanto de conceitos subjetivos (advindos da simbologia que as pessoas sentimentalmente atribuem) (Moreno-Navarro, 1999) e que nos auxiliam a melhor interpretá-los e salvaguardá-los, assegurando sua integridade e continuidade física e também sua significação.

Quando se está diante de um edifício que necessita de intervenção, é preciso considerarmos não unicamente seus danos materiais, mas primeiramente quais valores estão ligados a ele, dado que “o adequado julgamento de valores é importante na medida em que norteia instrumentos de gestão na elaboração de normativas, políticas de preservação e as próprias ações protetivas” (Aloise, 2014, p. 13). Quanto à escolha de um novo uso, ele deve ser o mais compatível possível com o que Kühl (2009) chama de “a essência do bem” – ou respeitá-la o mínimo que seja –, que se refere às suas características documentais e formais.

O estudo de caso da Casa das Onze Janelas, do Palacete Augusto Montenegro e do Palácio Lauro Sodré mostrou-nos a importância de inferir valores a um patrimônio e como isso permeia seus usos, intervenções e as visões objetivas e subjetivas que se tem sobre ele, pois estamos falando de bens patrimoniais cujas ressignificações foram decisivas para que pudessem ser mantidos e, ainda hoje, existam na forma de instituição museal.

Por mais que a nova função dessas construções como museus de arte contemporânea não corresponda ao discurso que as edificações possuem, não se percebeu uma mudança de valores, pois estes ainda permanecem e, de modo direto ou indireto, interagem com o novo uso por meio das exposições. Com isso, o estudo e a análise de valores referentes ao aspecto histórico dos patrimônios e às mudanças por que passaram deveriam ser de interesse geral, tanto para o espaço urbano como para a sociedade que o constitui, uma vez que somos postos diante de questões e respostas que não somente nos fazem compreendê-los, mas também admirá-los e preservá-los cada vez mais.

REFERÊNCIAS

ALOISE, Julia Miranda. **O restauro na atualidade e a atualidade dos restauradores**. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigos_do_patrimonio_O_restauro_na_atualidade_e_a_atualidade_dos_restauradores_JuliaMiranda.pdf. Acesso em: 15 nov. 2017.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. “Novas” questões na teoria da restauração do patrimônio urbano: identidades culturais, função social e participação dos usuários. **PARC: Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 59-72, abr. 2013.

BRITTO, Rosângela. Programa Museológico: Museu do Forte do Presépio, Museu do Círio, Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. *In*: LIMA, Rosário; FERNANDES, Paulo Chaves (org.). **Feliz Lusitânia: Forte do Presépio, Casa das Onze Janelas, Casario da Rua Padre Champagnat**. Belém: Secult, 2006. p. 379-413.

BRITTO, Rosângela Marques de. **Os usos do espaço urbano das ruas e do patrimônio cultural musealizado na esquina da José Malcher com a Generalíssimo: itinerários de uma antropóloga com uma rede de interlocutores no Bairro de Nazaré (Belém-PA)**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

CHAGAS, Mario. Casas e portas da memória e do patrimônio. **Em Questão**, v. 13, n. 2, p. 207-224, jul./dez. 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2006.

CRUVINEL, Eduardo Henrique de Paula. A trajetória dos monumentos: formação do conceito e valores. **Cultura Histórica & Patrimônio**, v. 3, n. 2, p. 31-52, jul. 2016.

DERENJI, Jussara da Silveira; DERENJI, Jorge. **Igrejas, palácios e palacetes de Belém**. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2009.

EDELWEISS, Roberta Krahe. Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preexistências culturais. **Oculum Ensaios: Revista de Arquitetura e Urbanismo**, v. 13, n. 1, p. 153-162, 2016.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. *In*: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 59-74.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2019.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan./abr. 2012.

LORENZI, Mariana. **Palacete, Hospital Real, Subsistência do Exército, Museu Casa das Onze Janelas, Belém, Pará**. 2013. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-7/conteudo/limites-e-friccoes-no-museu/palacete-hospital-real-subsistencia-do-exercito-museu-casa-das-onze-janelas-belem-para>. Acesso em: 3 abr. 2020.

MENDONÇA, Isabel. Antônio José Landi e o Hospital Real de Belém. *In*: LIMA, Rosário; FERNANDES, Paulo Chaves (org.). **Feliz Lusitânia**: Forte do Presépio – Casa das Onze Janelas – Casario da Rua Padre Champagnat. Belém: Secult, 2006. p. 111-201.

MORENO-NAVARRO, Antoni González. **La restauración objetiva (método SCCM de restauración monumental)**: memoria SPAL 1993-1998. Barcelona: Diputación de Barcelona, Área de Cooperación. Servicio de Patrimonio Arquitectónico Local, 1999.

OEA – ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Normas de Quito**. Reunião sobre conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico. 1967. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Normas%20de%20Quito%201967.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

OLIVEIRA, Mateus Antônio Nogueira; SILVA, Roberto Márcio da; ALMEIDA, Sabrina Ferraz de; SOUZA, José Victor Brasil de; OLIVEIRA, Kamila Diniz. Desafios da preservação do patrimônio histórico construído no Brasil: uma introdução e aspectos multidisciplinares. **Revista Delos**, Curitiba, v. 18, n. 66, p. 1-20, 2025.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: sua essência e sua gênese. Tradução: Elaine Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentine. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

SECULT-PA – SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO PARÁ. **Projeto Feliz Lusitânia** – Conjunto Urbanístico e Paisagístico do Núcleo Histórico Inaugural de Belém. Anexo I. Belém, 2001.

TOFANI, Márcia Campos Moreira; TOFANI, Frederico de Paula. Premissas e desafios da preservação e uso sustentável do patrimônio cultural edificado. *In*: SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO ICOMOS/BRASIL: AUTENTICIDADE EM RISCO, 3., 2019, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. v. 1, p. 1-16.

TRINDADE, Estefani Mikaela Batista; PALÁCIOS, Flávia Olegário. Ambientação de prédio histórico para uso de museu: uma tipologia, várias adaptações. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 13, p. 66-80, 2024.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoría contemporánea de la restauración**. Madri: Editorial Síntesis, 2003.